

## A CATEGORIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR PESSOAS COM ESQUIZOFRENI

Letícia Adriana Pires Teixeira (Universidade Federal do Ceará)

**RESUMO:** analisamos a categoria violência, verificando a escala de prototipicidade a partir de exemplares apontados por informantes em surto esquizofrênico com curso e evolução diferenciados da doença. Quisemos constatar se havia diferenças significativas entre as escalas propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria. Adotamos, como referencial teórico, os postulados de Rosch, Mervis, Gray, Jonhson, Boyes-Braem (1976a), Lakoff (1987), Eysenck, Keane (1994), Medin, Ross (1996) entre outros. Utilizamos uma metodologia desenvolvida em momentos interligados: fizemos o levantamento bibliográfico e a seleção teórica sobre a Categorização, a Teoria dos Protótipos e a Conceitualização da Violência. Coletamos os vocábulos que abordassem a temática violência por pacientes esquizofrênicos e constatamos que os doentes de esquizofrenia, independente do curso e da evolução da doença, mantiveram a capacidade de categorizar a violência de forma similar ao período de remissão da doença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Conceitualização. Esquizofrenia. Protótipos.

### 1. Introdução

A Categorização é um processo no qual as idéias e objetos são reconhecidos, diferenciados e classificados em uma ação processual e dinâmica. Em resumo, ela consiste na organização dos objetos de um dado universo, em grupos ou categorias, para conseguir um propósito específico sem deixar de considerar os signos e os entornos desses signos. É, portanto, um elemento essencial no que diz respeito a razão e a comunicação humana, pois estabelece base aos mais importantes processos mentais, como por exemplo, a percepção, a representação e a linguagem.

Ao longo dos anos, a título de ilustração, talvez por medo ou mesmo por falta de interesse e conhecimento, os cidadãos que viviam em contato com pessoas com transtornos mentais categorizaram-nas com itens lexicais diferenciados e muitas vezes errôneos. Inferimos que não houve mudança significativa em relação a isso, pelo menos no que diz respeito à forma como a sociedade em geral lida com esses doentes. Assim, loucos, psicóticos, neuróticos, doidos, esquizofrênicos são apenas alguns dos termos usados para denominá-los.

Pensando nisso tudo, resolvemos agora escutar os esquizofrênicos e saber como eles, indivíduos tidos como irracionais e com transtornos cognitivos, categorizavam um dos problemas mais sérios da sociedade contemporânea: a violência. Quisemos analisar a categoria violência, verificando a escala de prototipicidade a partir de exemplares apontados por informantes com transtornos mentais em surto esquizofrênico com curso e evolução diferenciados da doença.

Nosso propósito era constatar se havia diferenças significativas entre as escalas de prototipicidade propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria.

### 2. Concepções de violência

A violência pode ser considerada um dos conceitos mais evasivos e difíceis de serem definidos dentro da área das ciências sociais. Apesar de o assunto ser tema constante em artigos acadêmicos, livros e teses, ainda há interpretações controversas sobre uma definição mais apropriada do conceito, diferenciação significativa entre os conceitos existentes e sobre a análise sociopolítica e moral da violência. Segundo Imbusch (2003), “violência é, claramente, um fenômeno de extrema complexidade, envolvendo grande ambiguidade entre a destruição e a criação da ordem”. Nessa perspectiva, o conceito revela-se difuso, variando desde agressão física e psicológica, formas específicas de crime, comportamento inadequado nas ruas ou nos esportes à discriminação sociopolítica. Esse fenômeno social, chamado de violência, pode também se relacionar a questões antagônicas como: atrocidade ou necessidade; resultado de um aprendizado pervertido ou precisão do instinto normal; comportamento patológico ou comportamento voluntário etc. Contudo, podemos observar, que o uso preciso do conceito de violência é dificultado pelas diversas conotações que se sobrepõem dentro de um campo semântico semelhante (força, agressão, conflito, poder etc.).

Ante o exposto, observamos que a partir da dificuldade em definir esse conceito contingente, onipresente e perturbador e intrigados por sua inerente complexidade, vários estudiosos buscaram estudar as relações de diversos aspectos e concepções de violência. Dentre eles, Bufacchi (2005), que explorou questões teóricas acerca da natureza e escopo da violência sob uma perspectiva filosófica, identificou duas concepções: a minimalista, de definição mais restrita e relacionada ao uso da força; e a compreensiva, a qual concebe a violência mais amplamente, representando uma violação de direitos. Inicialmente, em oposição a alguns estudiosos, tais como, Ted Honderich (2002), Manfred Steger (2003), Riga (1969) e Wade (1971) (apud BUCHACCHI), o autor defende que “violência”, não representa, necessariamente, um ato de violação, assim como “força física” nem sempre significa um ato violento. Nesse sentido, Bufacchi (2005) relaciona o conceito de “força” ao de “violência”, assim como o de “violência” ao de “violação”. Por fim, Bufacchi (2005) também chama a atenção para a complexidade de conceitualizar “violência” e sugere duas concepções: violência enquanto força e violência enquanto violação.

Interessante notar que a violência é um fenômeno contingente e que ocorre em qualquer lugar, independente da cultura. No entanto, notamos diferenças consideráveis entre o uso da palavra, variando o tipo de violência, grau de intensidade, de qualidade e as funções distintas do uso da palavra. Percebemos que por ser considerada um fenômeno social multifacetado, a palavra violência possibilita a formação de diversos conceitos com inúmeras interpretações.

Após pesquisarmos em alguns dicionários, thesaurus e enciclopédias, constatamos que as definições fornecidas diferenciam-se entre si, apresentando acepções que variam desde “o uso de força física” a “instinto de sobrevivência”. De todo modo, as demarcações denotam que o conceito usado pode variar de acordo com cada ciência, perspectiva e experiência no mundo e com o mundo.

### 3. Conceitualização e a teoria dos protótipos

As unidades e as estruturas da linguagem, segundo a Linguística Cognitiva, não são estudadas como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, as quais, de acordo com essa ciência, interagem com a linguagem, influenciando-a e sendo influenciada por ela (DIVER, VERSPOOR, 2004). Dessa forma, nosso trabalho, cujo objetivo é pesquisar sobre a categorização de violência por

esquizofrênicos em surto, está inserido nos tópicos de interesse da Linguística Cognitiva. Situamo-nos, assim, em favor da cognição corporificada (ou visão atuacionista), da qual emerge o ser situado e cogniscente, que age e interage no mundo de percepções e ações, das quais emergem os significados. Desse modo, a Linguística Cognitiva possibilita o acesso a processos cognitivos, através de manifestações linguísticas.

Ainda nos referindo à Linguística Cognitiva, vale ressaltar que a categorização consiste no alicerce dos nossos pensamentos, ou seja, quando produzimos ou compreendemos um enunciado, empregamos a categorização. Portanto, ao entendermos como categorizamos, nos aproximamos da compreensão acerca de como pensamos e atuamos no mundo.

Segundo Lakoff (1987), na visão de categorias conceituais: o pensamento é corporificado e baseado na percepção, no movimento corpóreo e na experiência física e social; o pensamento é imaginativo e utiliza-se de metáforas, metonímia e imagem mental, posto que é indiretamente corporificado e transcende à representação literal das coisas; o pensamento tem propriedades gestálticas e os conceitos adquirem uma estrutura mais geral; o pensamento tem uma estrutura ecológica e é mais do que, simplesmente, uma manipulação mecânica de símbolos abstratos; a estrutura conceitual pode ser descrita através de modelos cognitivos, que apresentam todas essas propriedades.

Diante disso, nossa capacidade humana de conceitualização, conforme nos aponta Lakoff (1987 p. 281), consiste em algumas habilidades, dentre elas: a) formarmos estruturas simbólicas relacionadas às experiências diárias; b) projetarmos metaforicamente a partir de estruturas do domínio físico ao abstrato; c) formarmos conceitos complexos e categorias gerais utilizando esquema de imagens; d) formularmos modelos cognitivos idealizados.

Dentro dessa perspectiva, propomo-nos a realizar uma análise utilizando os modelos cognitivos idealizados de projeções metonímicas, os quais são representados estruturalmente pelo esquema RECIPIENTE e pela forma de caracterizar o todo pela parte, como forma de tornar algo mais fácil de ser assimilado. Segundo o Glossary of Cognitive Linguistics (EVANS, 2007 p. 141) exemplifica, os MCI metonímicos surgem para representar toda uma categoria da qual ele é membro. Esses modelos podem estabelecer efeitos de tipicidade, ao representar toda uma categoria, servindo como “ponto de referência cognitivo”, gerando normas e criando expectativas.

Nesse sentido, os modelos cognitivos metonímicos poderão nos ajudar a compreender quais são os conceitos mais salientes que esquizofrênicos em surto moderado e crônico usam sobre violência; como esses conceitos são construídos a partir de interações sociais – da dinâmica social e cultural; como as pessoas estão organizadas socialmente; quais são os estereótipos, os exemplos ideais, os exemplos típicos mais frequentes presentes no imaginário sociocultural de pacientes com esquizofrenia quando tratam de temas sobre a violência.

#### **4. Análise e discussão dos dados**

Como será que as pessoas com esquizofrenia conceitualizam e categorizam a violência em diferentes estágios da doença? Com esse questionamento, nossa intenção era saber como os doentes de esquizofrenia definiam um tema tão presente na vida deles e em nossa contemporaneidade. O resultado dessa pesquisa, acreditamos que serviria para refletirmos sobre os transtornos cognitivos apontados como uma das características mais proeminente dessa doença.

Iniciamos o experimento indagando a uma única paciente que chegou antes das demais e sentou ao nosso lado: “quando você pensa em violência, o que vem a sua mente em primeiro lugar?”. Sem demorar a responder, **L.S.** disse que “primeiro vem (+) vem esses negros que vivem perseguindo a gente (+) aqui no hospital (+) né?”. A iniciativa dela causou-nos surpresa. A resposta, à primeira vista, poderia até se nos apresentar como incoerente à pergunta feita. Parecia apenas uma ligação com o vocábulo “vem”. “Vem esses negros?”. Que negros? Questionamos, como se não estivéssemos entendendo o pronunciamento dela.

**L.S.** ratificou a resposta que havia dado, dizendo: “sim (++) esses negros que tem no mundo (++) que aqui no hospital está cheio (++)” e, logo em seguida, fez um “psiu”, colocando o dedo sobre sua boca, para eu parar de falar e não mencionar nada, indicando com o dedo polegar uma paciente negra que, juntamente com uma enfermeira, se dirigia ao nosso encontro.

Decidimos aplicar uma espécie de questionário semiestruturado para realizarmos uma análise mais proficiente. Através da análise da categoria violência, verificando a escala de prototipicidade a partir de exemplares apontados por oito informantes em surto esquizofrênico com curso e evolução diferenciados da doença (cinco em estado crônico e cinco em estado moderado), quisemos constatar se havia diferenças significativas entre as escalas de prototipicidade propostas por esses informantes e, existindo diferenças, se elas implicavam em reconhecimentos distintos entre os melhores e os piores exemplares dessa categoria. Tudo serviu de instrumento para refletirmos sobre a cognição desses pacientes.

Resolvemos, assim, aplicar uma enquete em que as pessoas internadas em cursos leves e moderadas da esquizofrenia deveriam responder sobre qual a concepção delas sobre violência e depois, em uma escala de prototipicidade, citar dez sinônimos para violência. O resultado obtido se apresenta no quadro que segue:

### QUADRO 1: Categorização da Violência

Informante/ Curso da Doença	Conceitualização
1.M.L.A.N./ ( crônico)	É agressão que pode ser contato violência ou forçar a barra.
2.M.S.E / (crônico)	Pessoas que gostão de bate nas pessoas
3.T.S.A/ (crônico)	É tudo que não é respeito.
4.A.S.S/ (crônico)	Agressiva
5.M.S. B.S. / (crônico)	É pai matando filho. Assassinato. Fome. Destruir um lar.
6.F.M.B.Q. / (moderado)	É valentia.
7.M.J.M.C. / (moderado)	É, um ato brusco, sem causar danos tragicos.
8.C.M.M.A. / (moderado)	Violência é a falta de amor ao proximo.
9.S.I.N. / (moderado)	É um ato impessoal, e ao mesmo tempo injusto.
10.M.J.M. / (moderado)	É quando a pessoa agride a outra.

Fonte da autora

É válido informarmos que respeitamos a escrita de cada paciente em seus enunciados – não fizemos ajustes de acordo com as convenções ortográficas da Língua Portuguesa. Com essas concepções, percebemos no **Quadro 01** que não houve mudanças significativas em relação à conceitualização de violência, relacionadas ao curso da doença, moderado ou crônico. Todas as respostas se nos apresentaram relevantes e coerentes a situações contextuais que eles vivenciam.

Para complementar as nossas investigações solicitamos que cada um, separadamente, sem consultar o material do colega, em uma escala de importância escrevesse dez sinônimos para violência. Vejamos os resultados obtidos no **Quadro 02**:

**QUADRO 2: Sinônimos para violência**

Informante	Sinônimos
1.M.L.A.N./ ( crônico)	1. Perceção 2. Tapas 3. Brigas 4. Xingar 5. Falcidade 6. Estupro 7. Morte por aparencia 8. Prisão
2.M.S.E/ (crônico)	1. Palavras 2. Bateamento de bocas 3. Violação 4. 5. Matar 6. Roda de facada 7.
3.T.S.A/ (crônico)	1. Espancamento 2. Palaras agressivas 3. Falta de amor ao ser humano 4. Falsidade 5. Entre um casal, traição 6. Excesso de bebidas 7. Drogas 8. Brigar com palavriados 9. Bater com pancadas 10. Insultencia em relacionamentos
4.A.S.S/ (crônico)	1. Tara 2. Agressão 3. Morte
5.M.S. B.S. / (crônico)	1. Matar 2. Roubar 3. Destruir 4. Agredir 5. Mentir

6.F.M.B.Q. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Briga</li> <li>2. Esturpus</li> <li>3. Roubo</li> <li>4. Falcidade</li> <li>5. Entriga</li> <li>6. Pressão</li> </ol>
7.M.J.M.C. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Falcidade</li> <li>2. Intrigas</li> <li>3. Transtornos</li> <li>4. Infelicidade</li> </ol>
8.C.M.M.A. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estruto</li> <li>2. Brigas</li> <li>3. Pais de maltrata os filhos</li> <li>4. Pancadaria</li> <li>5. Judiar de crianças e idosos</li> </ol>
9.S.I.N. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Traição</li> <li>2. Depende dos ques achar?</li> </ol>
10.M.J.M. / (moderado)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quando homem bate em mulher</li> <li>2. Maltratar cachorro</li> <li>3. Quando a mãe bate na criança</li> <li>4. Quando um adolescente ofende um idosso</li> <li>5. Estrupo infantil</li> <li>6. Quando engana uma criança</li> <li>7. Quando uma filha abandonada a mãe</li> <li>8. Torturas</li> <li>9. Espancamento</li> <li>10. Violência policial</li> </ol>

Fonte: elaboração da autora

Constatamos mais uma vez, através dos dados do **Quadro 02**, que não houve mudanças significativas em relação ao curso da doença e a conceitualização de violência. Todos os informantes foram coerentes e relevantes em suas respostas. Mesmo usando neologismos (criação de novas palavras), tais como “insultencia”, e cinco deles estando em estado crônico da doença, eles não foram contraditórios ao responderem os questionamentos feitos. A presença de neologismos poderá ser entendida como uma extensão das associações semânticas (PIRO, 1967 apud Volker, 2001, p.55).

Os vocábulos “tapas”, “palavras agressivas”, “mentir”, “falsidade”, “estupro”, “espancamento”, “destruir” e “agressão” foram os mais usados como sinônimos de violência. Chegamos assim à dedução que se a hipótese de alguns pesquisadores em esquizofrenia estiver correta e existir sérios comprometimentos cognitivos em indivíduos com essa doença, seria difícil confirmar esse posicionamento através dos resultados obtidos nessa nossa pesquisa.

## Considerações finais

A pesquisa mostrou questões relativas à construção de efeitos de sentido produzidos pela categorização da violência e confirmando que os valores culturais não são independentes. Até mesmo em pessoas com transtornos mentais, o contexto sociocultural faz parte da construção dos sentidos e da categorização de um termo.

Constatamos, como resultado da pesquisa, que os doentes de esquizofrenia, independente do curso e da evolução da doença, mantiveram a capacidade de categorizar o termo violência de forma similar ao período de remissão da doença, evidenciando o uso de inferência e de raciocínio lógico (dedutivo e indutivo), ao eleger uma subcategoria ou submodelo representativo da categoria.

Notamos que eles também têm a percepção da violência como um fenômeno contingente que ocorre em qualquer lugar, independente da cultura, da sociedade, das relações sociais. No entanto, detectamos diferenças, variando o tipo de violência, grau de intensidade, de qualidade e as funções distintas do uso da palavra. Percebemos que por ser considerada um fenômeno social multifacetado, a palavra violência possibilita a formação de diversos conceitos com inúmeras interpretações, inclusive, entre as pessoas portadoras de esquizofrenia.

## Referências

ADAMES, ; CAMPBELL, R. **Immigrant Latinas' Conceptualizations of Intimate Partner Violence in Violence Against Women**, Vol. 11, No. 10, 1341-1364 (2005) Disponível em: <http://vaw.sagepub.com/cgi/content/abstract/11/10/1341> Acesso em: 04/11/09.

ALMEIDA, S. **Reflexões sobre violência doméstica**: algumas contribuições para (re)pensar a violência contra crianças, adolescentes e mulheres (p177-p.183). História Unisinos, 2005 Disponível na internet em [www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_historia/vol9n3/art3\\_sonia.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol9n3/art3_sonia.pdf). Acesso em 29/09/09.

ASARNOW, R.F.; WATKINS, J.M. **Schizophrenic thought disorder**: linguistic incompetence or information- processing impairment?, The Behavioral and Brain Sciences, 5, 589-590, 1982.

BUFACCHI, V. Two Concepts of Violence. In: **Political Studies Review**: 2005 vol 3, (193–204)

CZENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models and Domains. In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. (ed.) **The Handbook of Cognitive Linguistics**: Oxford University Press: Nova York, 2007.

DIVER, R. e R. VESPOOR (ed.) **Cognitive Exploration of Language and Linguistics**. Amsterdam e Philadelphia. [s. l], John Benjamins, 2004.

EVANS, V. **A Glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics**: An Introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FELTES, H. P. M. **Semântica Cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.



GEERAERTS, D. **Cognitive linguistics: basic readings** / (Cognitive linguistics research ; 34) Walter de Gruyter GmbH & Co.,Berlin 2006.

GEERAERTS, D. *et al.* **Language and Mind Volume 1: Embodiment** Mouton de Gruyter. Berlin , New York: [s. e] 2007.

GIBBS, R.J. **Embodiement and cognitive science**. New York: Cambridge University Press, 2006.

GIBBS, R.J (ed.) **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**, New York: Cambridge University Press, 2008.

JOHNSON, M.; ROHRER, T. We are live creatures: Embodiment, American Pragmatism and the cognitive organism. In: (Ed.) Ziemke, T.; Zlatev, J.; Frank, R. M. **Body, Language and Mind, Volume 1: Embodiment**. Berlin, New York .Mouton de Gruyter, 2007 (P. 17–54).

IMBUSCH, P. The concept of violence. In: HEIMEYER, W. ; HAGAN, J. (ed.) **International Handbook of Violence**. Kluwer Academic Publishers: Netherlands, 2003. p. 13-39

JOHNSON, M; ROHRER, Tim We are live creatures: Embodiment, American Pragmatism and the cognitive organism In: Howell S. R. Metaphor, Cognitive Models, and Language Comprehensive **Module 3 Special Topics 2A** . [s. l] McMaster University , 2000.

LAKOFF,G. **Women Fire and Dangerous Things**. What Categories Reveal About the mind. The University of Chicago Press: Chicago e Londres, 1987.

\_\_\_\_\_. **Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals don't**. University of Chicago Press: Chicago e Londres, 1996.

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980. Lindblom, J. E, T. Ziemke Embodiment and social interaction: A cognitive science perspective In: (Ed.) Ziemke, T.; Zlatev, J.; Frank, R. M. **Body, Language and Mind, Volume 1: Embodiment**. Berlin, New York . Mouton de Gruyter, 2007 (p. 129–166).

MACEDO, A. C. P. S. de. **Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil**. 34. Proposta de Projeto de Pesquisa Científica - Universidade Federal do Ceará - CNPq (Edital nº. 02/2009), Fortaleza, [2009].

ODALIA, N. **O que é violência**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1ª Reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, A.S. **Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva**. In: SILVA, A.S, Torres, A; Gonçalves, M , org. **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, vol.I, p.1-18, 2004.

SILVERMAN, J. Variations in cognitive control and psycho-physiological defense in schizophrenia. **Psychosomatic Medicine**. 1967, 29, 225-245.

TEIXEIRA, L.A.P. **A Conversação de Pessoas com Transtornos Mentais: um Estudo dos Turnos Conversacionais, dos Marcadores e do Fenômeno da Relevância**. 220. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

VOLKER, R. [et al]. **Terapia Integrada da Esquizofrenia**. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.